

GDF começa a fazer teste do pezinho

Beth Almeida

Da equipe do Correio

Com um investimento mínimo de R\$ 15 mil numa máquina importada de Cuba e ao preço de R\$ 0,01 por exame, a rede pública de saúde de DF já começou a fazer o teste do pezinho. Ele é responsável pela detecção de duas doenças - a fenilcetonúria e o hipotiroidismo - que podem provocar retardo mental irreversível, caso não sejam tratadas até o terceiro mês de vida.

“Por um custo baixíssimo podemos evitar a incapacidade permanente e transtornos para a família das pessoas atingidas pelo mal”, explicou o diretor executivo da Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF), Antônio Luiz

Campos. Antes, só os laboratórios particulares faziam a coleta para esse tipo de teste, realizado em Belo Horizonte.

Por enquanto, apenas os oito centros de saúde da Regional Sul (-Asa Sul e Guará) estarão coletando amostras para o exame, mas a FHDF espera estendê-lo para todo o DF até 2 de dezembro. A expectativa é fazer 60 mil testes por ano — a média de nascimentos anual no DF. Os primeiros testes serão realizados com os 5 mil kits que já vieram com a máquina. A Fundação já está comprando mais 100 mil até o final do ano.

As mães são orientadas a procurar os centros de saúde quando o bebê tiver entre 5 e 30 dias de vida, prazo aconselhável para a realiza-

ção do teste.

OS RISCOS

O exame preventivo do hipotiroidismo já é feito em 92% das crianças que nascem no DF. O sangue é coletado do cordão umbilical logo após o nascimento. Segundo Campos, o hipotiroidismo foi detectado em 15 bebês, que estão sob acompanhamento médico e recebendo remédios a um custo de R\$ 0,30 por mês para cada criança. “Todas estão com crescimento e desenvolvimento mental adequados e já frequentam a escola”, afirmou o médico.

Doença congênita, o hipotiroidismo é causado por uma deficiência da tireóide, que não produz o hormônio responsável pelo funcio-

namento e desenvolvimento adequado do cérebro. Os bebês têm poucos reflexos e não sentam na época adequada. A incidência da moléstia é de 14 para cada 100 mil crianças.

Já os bebês atacados pela fenilcetonúria apresentam dificuldades de metabolizar o leite e seus derivados. Com a falta do diagnóstico e a ingestão continuada desses alimentos, o organismo acumula um aminoácido - a fenilalanina.

Em níveis normais, a fenilalanina não representa ameaça, mas seu excesso causa a destruição das atividades cerebrais. A doença ataca 4 em cada 100 mil crianças. Se tratada a tempo, a fenilcetonúria não deixa seqüelas, pois pode ser tratada com alimentação adequada.